



SIMONE DE BEAUVOIR E A CONDIÇÃO DA EXISTÊNCIA HUMANA

ABREU, Marcos Victor.
ARAUJO, Raphael Henrique Pereira.
GRANETTO, Luiz Fernando.

RESUMO

Compreendida como um dos nomes mais importantes acerca do feminismo ao redor do mundo, Simone de Beauvoir dividiu opiniões em razão de seus pensamentos muitas vezes polêmicos, principalmente para a época em que vivia. Trazendo uma nova perspectiva sobre o ser mulher, dizendo que não se nasce mulher, mas torna-se mulher. Beauvoir vai para além do pensamento patriarcal da época em que vivia e enfrenta o machismo estrutural e velado do século XX. Este trabalho buscou elucidar a vida, a teoria e, principalmente, o legado deixado por Simone de Beauvoir.

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMO, SIMONE DE BEAUVOIR, EXISTENCIALISMO.

1. INTRODUÇÃO

O homem é definido como ser humano, e a mulher é definida como fêmea. Quando ela se comporta como um ser humano, é acusada de imitar o macho (BEAUVOIR, 1970, p. 72).

Inicia-se a introdução desta forma, por um motivo de grande importância: a vida que Beauvoir buscou para si era a mesma vida que esperava para todas as mulheres - direitos igualitários e políticas justas para ambos os sexos. Foi um grande nome para o feminismo, e além de tudo traz para suas obras uma visão existencialista sobre o ser humano. Podemos enxergar um pouco disto, como a própria autora nos cita em sua obra *O Segundo Sexo*: ninguém nasce mulher, torna-se mulher. (BEAUVOIR, 1970, p.172). Para entender o contexto em que estas citações chegam, imagine que a sociedade vivia um outro momento histórico, em um cenário pós-guerra e depois de muita repressão política, finalmente um suspiro.

Se faz importante trazermos esta perspectiva, pois o que ela seguia sobre o existencialismo cabia muitas vezes somente para o homem, já que a mulher deveria ser passiva e permissiva, sem nenhuma liberdade, indo contra as questões filosóficas das quais ela acreditava.

Através deste trabalho buscamos apresentar a mulher fascinante que Beauvoir se tornou, além de ser um grande ícone para o feminismo e uma figura polêmica para a sociedade patriarcal em que viveu. Com uma visão existencialista fomentou sua própria teoria em que a mulher desempenhava um papel de segundo sexo, ou um segundo plano, nunca sendo mais que o homem,



mas minimamente conseguindo se equiparar a ele, utilizou do existencialismo para embasar o papel da mulher dentro de suas liberdades e escolhas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SIMONE DE BEAUVOIR E A CONDIÇÃO FEMININA

De acordo com Beauvoir, a liberdade das mulheres foi castrada pela sociedade patriarcal, que as relegou a um segundo plano em relação aos homens. Ela argumentou que a mulher foi historicamente definida em relação ao homem, como uma "outra", uma vez que a sociedade estabeleceu a norma masculina como padrão e a mulher foi subjugada a essa norma.

Ela sustenta que as crianças são socializadas de acordo com padrões de gênero, que são transmitidos por meio da educação, da cultura e das instituições sociais. Essa criação social do gênero contribui para a manutenção das desigualdades entre homens e mulheres, argumentando que a mulher é frequentemente vista como um objeto, uma vez que ela é considerada o “outro” em relação ao homem, e sua identidade é moldada pela forma como os homens a veem.

“O que se deveria dizer é que essa superioridade é, então, imediatamente vivida e não ainda colocada e desejada; ninguém se aplica em compensar as desvantagens cruéis que prejudicam a mulher, mas não se procura tampouco cerceá-la como acontecerá mais tarde em regime paternalista.” (BEAUVOIR, 1970, p. 85)

Segundo Simone de Beauvoir, a condição feminina é moldada por uma série de fatores que a colocam em uma posição de subordinação em relação aos homens. A autora ainda enfatiza a necessidade de romper com os papéis de gênero impostos pela sociedade. Ela defende a importância do movimento feminista na busca pela igualdade de direitos e oportunidades, desafiando as normas e expectativas que limitam a expressão plena da identidade feminina.

“Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo, dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.” (BEAUVOIR, 1970, p. 8)



Simone de Beauvoir acreditava que as mulheres eram frequentemente definidas em termos de sua relação com os homens, limitando assim sua autonomia e possibilidades de autorrealização, um dos reflexos disso como citado acima é que dentro da categoria fêmea apenas algumas despertam para a feminilidade, indo de acordo com a sociedade e alienando-se na função de seu papel.

“Luto, portanto, para ser. Luto para possuir este brinquedo, esta joia; para fazer esta viagem, comer esta fruta, construir esta casa. Mas isso não é tudo. Enfeito-me, viajo, construo entre os homens.” (BEAUVOIR, 2005, p. 198).

A vida que Beauvoir buscava, era uma vida de liberdade para exercer aquilo que profundamente procurava em suas relações, com um outro ou até mesmo com o mundo em que vivia. Era sim, uma luta constante, pois em sua época as mulheres não tinham um bom posicionamento de fala, principalmente para ideologias que poderiam guiar uma sociedade, e por isso sim, ela lutava para buscar tudo isso. Ainda neste ponto, conseguimos compreender um pouco da condição feminina, uma existência muito marcada por repreensões e lutas, necessitando de coragem para existir.

2.2 A CONDIÇÃO HUMANA

“Para Beauvoir (1970), há também o “subhomem”, um tipo que ela mesma denomina como os mornos, de que fala o Apocalipse. Tal indivíduo, caso fosse feita uma escala hierárquica entre todos os homens, quedaria na última posição, pois tem medo de existir e não se posiciona diante da sua própria vida.” (BRITO DA MOTTA; SARDENBERG; GOMES, 2000, p. 57).

Essa visão de Beauvoir sugere que a capacidade de assumir a responsabilidade por nossas vidas e de tomar decisões autênticas é um aspecto fundamental da existência humana. Os “subhomens” são aqueles que não conseguem alcançar esse nível de consciência e liberdade individual, permanecendo em uma condição de apatia e inação. Ao introduzir essa noção de “subhomem” ou “mornos”, Beauvoir destaca a importância de cada indivíduo se posicionar ativamente diante de sua própria existência, confrontando os desafios e assumindo a responsabilidade por suas ações.

“Desde o famoso apólogo dos membros e do estômago, os homens foram com frequências representadas como as partes de um organismo; trabalhando para um deles, trabalhar-se-ia para



todos. Existiria uma economia natural segunda a qual o lugar de cada um seria definido pelo lugar de todos os outros. Mas isso é definir o homem em termos de exterioridade; para ocupar no mundo um lugar determinado, seria preciso que ele próprio fosse determinado: uma pura passividade. Ele não poria então em questão o objetivo de seus atos: ele não agiria. Mas ele age, interroga-se: ele é livre, sua liberdade é interioridade. Como então teria ele um lugar na terra? Ele tomará lugar ao lançar-se no mundo, fazendo-se existir no meio dos outros homens por seu próprio projeto.” (BEAUVOIR, 2005, p. 157)

Simone de Beauvoir mostra-nos aspectos importantes em sua visão sobre o homem e a sociedade, um interfere no outro, como a ideia do lançar-se no mundo, vivendo assim sua vida de forma mais autêntica e vigorosamente, colocando também sua existência no meio dos homens, fundamentos dos quais Martin Heidegger cria com a sua teoria de Dasein.

“Para Heidegger, a descrição fundamental do ser humano é como ser-no-mundo, ou seja, não há dualismo, polaridade ou oposição entre homem e mundo: ser-homem é indissociável do mundo.” (VIAL ROEHE; DUTRA, 2014, p. 107).

A responsabilidade pela existência, a liberdade que cada homem até certo ponto tem, é dito que é até certo ponto pois como já havia percebido Sartre, temos limitações em nossa liberdade, visão da qual Simone também compartilhava.

“O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser.” (Sartre 1943, p. 545).

2.3 SIMONE DE BEAUVOIR E O EXISTENCIALISMO

“[...] é nesse mundo mesmo, e em nenhum outro, que sua liberdade está em jogo; é o propósito de sua existência nesse mundo mesmo que o para-si se coloca em questão. Isso porque ser livre não é escolher o mundo histórico onde surgimos, o que não teria sentido, mas escolher a si mesmo no mundo, não importa qual seja.” (SARTRE, 1997 p. 639).

Trago esta citação de Sartre, pois define bem a ideia de que Simone passava para seus leitores, principalmente as mulheres. Mesmo sendo uma citação de forma geral, ou seja, que não distingue gênero podemos ver aqui uma ideia bem existencialista da qual Beauvoir concordava. Não



escolhemos o mundo histórico onde surgimos, nem as condições sob as quais emergiremos, porém devemos escolher a nós mesmos neste mundo histórico que estamos vivendo.

“Uma das principais objeções dirigidas ao existencialismo é a de que o preceito “querer a liberdade” é apenas uma fórmula oca e não propõe nenhum conteúdo concreto para a ação. Mas o problema é que começaram esvaziando a palavra liberdade de seu sentido concreto; já vimos que a liberdade só se realiza se engajando no mundo de tal maneira que seu projeto rumo à liberdade se encarna para o homem em condutas definidas.” (BEAUVOIR, 2005 p. 68).

“Somente o homem pode ser um inimigo para o homem, somente ele pode lhe furtar o sentido de seus atos, de sua vida, porque cabe também somente a ele confirmá-lo em sua existência, reconhecê-lo efetivamente como liberdade. (BEAUVOIR, 2005, p. 70)”.

A filosofia existencialista de Simone é fortemente referenciada em Jean-Paul Sartre, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Soren Kierkegaard, entre outros. Beauvoir foi influenciada pelas ideias de Nietzsche sobre a vontade de poder, o questionamento dos valores morais tradicionais e a importância de afirmar a existência individual, pelo alemão Martin Heidegger, em relação ao seu conceito de "ser-no-mundo" e à busca de um significado autêntico na existência, sobre Kierkegaard em sua ênfase na importância da subjetividade, da angústia existencial e da escolha individual.

Beauvoir teve um relacionamento pessoal e intelectual próximo com Jean-Paul Sartre, e juntos desenvolveram muitas das ideias centrais do existencialismo, como a liberdade, a responsabilidade individual e a existência precedendo a essência.

Beauvoir (2005) aponta a visão do existencialismo como uma filosofia da ambiguidade, na qual o homem, este ser cujo ser é não ser, tem a subjetividade realizada quando e enquanto presença no mundo, e no qual o surgimento do para-si é imediatamente remetido para o outro.

O ser não pode se transformar completamente em algo que seja completamente diferente do que ele é. Não é possível alcançar uma totalidade absoluta. Em vez de tentar ser algo que está distante da sua própria natureza, ele deve aceitar e abraçar as partes contraditórias e complexas que fazem parte dele mesmo. Isso significa que, em vez de se perder em busca de algo externo, é importante manter uma certa distância emocional e se esforçar para entender a verdade sobre si mesmo.

Em conclusão, a perspectiva existencialista, aliada à teoria de Beauvoir, lança luz sobre a complexa jornada humana em busca de autenticidade e significado. A visão existencialista nos



ensina que somos seres em constante evolução, moldados pela ambiguidade inerente à nossa natureza. Nesse sentido, Beauvoir argumenta que ao abraçarmos essa ambiguidade, alcançamos uma verdade mais profunda e evitamos a armadilha de nos perdermos na busca incessante por uma transcendência irreal.

Segundo a autora, precisamos buscar em nós mesmos a nossa verdade e significado para enfrentar as complexidades da vida, e ainda assim continuarmos sendo autênticos, ao aceitarmos essa condição e nos lançarmos no mundo poderemos então vivenciar um caminho de realização e crescimento pessoal, uma vida autêntica de fato.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, Simone buscava entender o porquê da diferença entre sexos, assim sendo, formulou hipóteses sobre a existência feminina em uma sociedade marcada pelo machismo, e todas as consequências de uma cultura que fazia a manutenção desses preceitos e ideologias. Seus estudos se voltam em sua maioria para o público feminino, e graças a isso hoje temos uma melhor compreensão acerca do feminismo, do papel que a mulher desempenha em sociedade, e dos problemas que as mulheres vivenciam ao tentar experimentar sua liberdade, Simone revolucionou o conceito de feminismo.

Foi também uma importante autora para o desenvolvimento do existencialismo como conhecemos hoje, além de ser “braço direito” de Sartre, que junto com Beauvoir colaboraram fortemente para a disseminação do existencialismo ao redor do mundo inteiro.

Ao concluir este trabalho, podemos observar as principais ideias da autora sobre a condição da existência feminina e masculina, além de adentrar também em suas ideologias existencialistas. O legado deixado por Simone de Beauvoir perdura até hoje graças a sua incrível dedicação e coragem para expor toda a angústia que a mulher vivenciava em sua época. Simone de Beauvoir foi um exemplo quanto a maneira de vivenciar a nossa existência, tomando consciência de nossas ações e responsabilidades, além de nos mostrar maneiras de vivermos a nossa liberdade.



REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4. ed. [S. l.]: DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO, 1970. 309 p. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>

BEAUVOIR, Simone. **Por uma Moral da Ambiguidade**. [S. l.]: Nova Fronteira, 2005. 204 p. Disponível em: [https://www.academia.edu/43091969/Por_uma_Moral_da_Ambiguidade SIMONE DE BEAUVOIR](https://www.academia.edu/43091969/Por_uma_Moral_da_Ambiguidade_SIMONE_DE_BEAUVOIR)

BRITO DA MOTTA, Alda; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: Coleção Bahianas -, 2000. 326 p. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/saffioti/1999/10/40.pdf#>

LEHMANN, P. Rafaela. **A Trajetória De Simone De Beauvoir: Vida E Obra**. Revista Elet. Materializando Conhecimentos. Volume 7, Setembro de 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. 20. ed. [S. l.]: Vozes, 1997. 782 p. Disponível em: https://www.academia.edu/43091970/O_ser_e_o_nada_SARTRE

VIAL ROEHE, Marcelo; DUTRA, Elza. **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. SCIELO, p. 113, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242014000100008&script=sci_arttext&tlng=pt